

**Contrôle universal do ensinamento dos Espíritos****AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA.****REVISTA ESPIRITA – ALLAN KARDEC****JORNAL DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS****7a ANO****NO. 4****ABRIL****1864**

Já afloramos esta questão em nosso número anterior, a propósito de um artigo especial (da perfeição dos seres criados); mas ela é de uma tal gravidade, tem conseqüências de tal modo importantes para o futuro do Espiritismo, que acreditamos dever tratá-la de maneira completa.

Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, ela não teria por garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém nesse mundo poderia ter a pretensão fundada de possuir sozinho a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelavam tivessem se manifestado a um único homem, nada lhe garantiria a origem, porque seria crer sob palavra em quem dissesse ter recebido seu ensinamento. Admitindo-se de sua parte uma perfeita sinceridade, no máximo poderia convencer as pessoas que o acompanham; poderia ter sectários, mais não chegaria jamais a reunir todo o mundo.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica, foi por isso que encarregou os Espíritos de irem levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado, pode-se enganar a si mesmo; isso não poderia ser assim quando milhões de homens veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Aliás, pode-se fazer desaparecer um homem, não se fazem desaparecer as massas; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, queimem-se todos os livros, a fonte da doutrina por isso não seria menos inesgotável, por isso mesmo que ela não está sobre a Terra, que surge por toda a parte, e que cada um pode hauri-la. À falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos que atingem todo o mundo e que ninguém pode atingir.

Em realidade, são, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda dos inumeráveis médiuns que suscitam de todos os lados. Se não tivesse tido senão um único intérprete, embora favorecido que fosse, o Espiritismo seria dificilmente conhecido; o próprio intérprete, a qualquer classe que pertencesse, teria sido objeto de prevenções da parte de muitas pessoas; todas as nações não o teriam aceito, ao passo que os Espíritos, se comunicando por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, uma vez que cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Seria preciso que isso fosse assim para que pudesse chamar todos os homens à fraternidade; se ele não estivesse colocado num terreno neutro, teria mantido dissensões ao invés de acalmá-las.

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a voz de um único

homem, mesmo com o recurso da imprensa, empregaria séculos antes de chegar ao ouvido de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente sobre todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem da qual não goza nenhuma das doutrinas que apareceram até hoje. Se, pois, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem os trans-tornos físicos do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas esta não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo nisso encontra uma garantia poderosíssima contra os cismas que poderiam suscitar, seja a ambição de alguns, seja as contradições de certos Espíritos. Essas contradições, seguramente, são um escolho que leva em si o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de estar individualmente de posse de toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares dela não sabem mais que os homens, e menos do que certos homens; que há entre eles, como entre estes últimos, os presunçosos e os pseudo-sábios que creem saber o que não sabem; os sistemáticos que tomam suas idéias pela verdade; enfim, que os Espíritos de ordem mais elevada, aqueles que estão completamente desmaterializados, são os únicos despojados das idéias e dos preconceitos terrestres; mas sabe-se também que os Espíritos enganadores não fazem escrúpulo de se abrigarem sob nomes emprestados, para fazer aceitar as suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter, têm um caráter individual sem autenticidade; que elas devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou tal Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdade absolutas.

O primeiro controle, sem contradita, é o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que se possui, por respeitável que seja o nome assinado, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em consequência da insuficiência das luzes de certas pessoas, e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade. Em semelhante caso, que fazem os homens que disso não têm, em si mesmos, uma confiança absoluta? Tomam a opinião da maioria, e a opinião da maioria é seu guia. Assim, deve-se estar em guarda a respeito do ensino dos Espíritos, que disso eles mesmos nos fornecem os meios.

A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga, ele mesmo, vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é muito evidente que, se estiver sob o domínio de uma obsessão, e se tem negócio com um Espírito enganador, esse Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há, não mais, uma garantia suficiente na conformidade que se possa obter pelos médiuns de um único centro, porque podem sofrer a mesma influência. A única garantia séria está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos países. Concebe-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se ligue aos próprios princípios da Doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve receber a sua solução, ele é ensinado espontaneamente sobre diferentes pontos ao mesmo tempo,

e de maneira idêntica, senão pela forma, ao menos pelo fundo. Se, pois, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente sobre as suas idéias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará circunscrito, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por todas outras partes, assim como isso já ocorreu em vários exemplos. Foi esta unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais eclodidos na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos quando formulamos um princípio da Doutrina; não é porque ele está segundo as nossas idéias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos de nenhum modo como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: "Crede em tal coisa, porque o dizemos." Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, senão uma opinião pessoal que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que um outro. Não é, não mais, porque um princípio nos é ensinado que seja para nós a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

**Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, procurar-se-á o critério da verdade. O que fez o sucesso da doutrina formulada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, é que, por toda a parte, cada um pode receber diretamente dos Espíritos a confirmação daquilo que encerram. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros teriam depois de muito tempo sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. O próprio apoio da imprensa não os teria salvo do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, por isso não deixaram de fazer um caminho rápido, porque tiveram o dos Espíritos cuja boa vontade compen-sou, e além, a má vontade dos homens. Assim o será com todas as idéias emanadas dos Espíritos ou dos homens, que não puderem suportar a prova desse controle, do qual ninguém pode contestar o poder.**

Suponhamos, pois, que agrade a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário: suponhamos mesmo que, numa intenção hostil, e tendo em vista desacreditar a Doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas, que influência poderiam ter esses escritos se são desmentidos, de todos os lados, pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que é preciso se assegurar antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um único ao de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem mesmo todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, partidas do espaço, vêm de todos os pontos do globo, e no seio de cada família, atacá-los vivamente? A experiência, sob este aspecto, já não confirmou a teoria? Que se tornaram todas essas publicações que deveriam, supostamente, aniquilar o Espiritismo? Qual é aquela que dele somente deteve a marcha? Até este dia não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais sérios, sem contradita; cada um contou consigo mesmo, mas sem contar com os Espíritos.

Ressalta disto tudo uma verdade capital, é que quem quisesse se colocar como obstáculo da corrente de idéias estabelecida e sancionada, poderia bem causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Além disso, disto ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da Doutrina não elucidados ainda, não poderiam fazer lei, enquanto estiverem isolados; que elas não devem, por conseqüência, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação. Daí a necessidade de levar à sua publicação a maior prudência; e, no caso

em que se cresse dever publicá-las, importa de não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todos os casos, necessidade de confirmação. É essa confirmação que é preciso esperar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quer ser acusado de leviandade ou credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem, em suas revelações, com uma extrema sabedoria; não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova. É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda não disseram tudo hoje, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas, que querem colher os frutos antes de sua maturidade. Seria, pois, supérfluo querer anteceder o tempo assinalado a cada coisa pela Providência, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam positivamente seu concurso; mas os Espíritos levianos, pouco se importando com a verdade, respondem a tudo; é por esta razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o fato de uma teoria pessoal, mas a consequência forçada das condições nas quais os Espíritos se manifestam. É bem evidente que, se um Espírito disse uma coisa de um lado, ao passo que milhões de Espíritos dizem o contrário em outra parte, a presunção de verdade não pode estar para aquele que está só, ou quase, em sua opinião; ora, pretender ter a única razão contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não decidem jamais de maneira absoluta; declaram não tratá-la senão no seu ponto de vista, e eles mesmos aconselham esperar-se a sua confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma idéia, é impossível que ela una, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se opera; são mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as idéias falsas sejam mais prontamente gastas. Os Espíritos que concebem alguns temores devem, pois, ficar perfeitamente seguros. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas diante do grande e poderoso critério do controle universal. Não é à opinião de um homem que se unirá, é à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, não mais nós do que um outro, que fundará a ortodoxia espírita; não será, não mais, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita; aí está a sua força, aí está a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse sobre uma base inabalável, foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um único homem.

Será diante desse poderoso areópago (tribunal ateniense), que não conhece nem os grupos, nem as rivalidades invejosas, nem as seitas, nem as nações, que virão se quebrar todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir as nossas próprias idéias aos seus decretos soberanos; só ele decidirá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências, e dará razão ou não a quem de direito. Diante desse imponente acordo de todas as vozes do céu, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no Oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, pois, o juiz supremo, aquele que decide em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, não tem

senão seu peso relativo na balança; se é falsa, não pode se impor sobre todas as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, e está aí um novo fracasso para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se desenha; ora, este século não passará sem que resplandeça em todo o seu brilho, de maneira a fixar todas as incertezas; porque daqui para frente vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir para unir os homens sob a mesma bandeira, desde que o campo esteja suficientemente lavrado. Enquanto espera, aquele que flutuasse entre dois sistemas opostos, pode observar em que sentido se forma a opinião geral; é o índice certo do sentido no qual se pronuncia a maioria dos Espíritos sobre os diversos pontos em que se comunicam; é um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas triunfará.

ALLAN KARDEC

\* \_\_\_\_\_